

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura (sem brinde)		Editor e administrador	Condições da assignatura (com brinde)	
Por anno (Portugal e Hespanha)	800 reis	JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA Redactor A. PEIXOTO DO AMARAL	Por anno (Portugal e Hespanha)	1\$000 reis
Provincias ultramarinas, e União geral dos correios	1\$100 »		Provincias ultramarinas, e União geral dos correios	1\$600 »
India, China e America.	1\$280 »	Typ de J. F. Fonseca—Pizarra, 74	Numero avulso	100 »



SUMMARIO

EXPEDIENTE—*Devoção a Maria*—SECÇÃO DOCTRINAL: *A sanctificação do domingo*, pelo rev. padre José Victorino Pinto de Carvalho; *Verdades amargas*, pelo snr. A. Peixoto do Amaral—SECÇÃO HISTORICA: *D. Frei Caetano Brandão, Arcebispo de Braga*, pelo Rev.^{mo} Padre João Vieira Neves Castro da Cruz—SECÇÃO CRITICA: *Socialismo, christianismo e catholicismo*, pelo snr. A. S. Ferreira—SECÇÃO LITTERARIA: *Milicia Christã*, pelo rev. dr. José Rodrigues Cosgaya; *Natal*, pelo snr. M. F.; *O problema de Lourdes*, pelo dr. Salles—SECÇÃO NECROLOGICA—SECÇÃO ILLUSTRADA: *Santa Martha, Virgem*; *Noé amaldiçoado Clanaan*.

Gravuras: *Santa Martha, Virgem*; *Noé amaldiçoado Clanaan*.



Santa Martha, Virgem

EXPEDIENTE

Vamos mandar o nosso jornal, a contar do proximo numero, a diversos amigos, a fim de nos auxiliarem com as suas assignaturas; porque, como quanto o «Progresso Catholico» esteja a fundar o vigesimo terceiro anno da sua publicação, e prestes por conseguinte a entrar no vigesimo quarto, e apesar de ter sempre combatido o erro, e defendido a verdade, pugnando pela justiça, pela razão e pela moralidade, não se pôde dizer que viva vida prospera e desafogada, pois que todos os annos acusa um «deficit», na devida escripturação, contra o seu proprietario.

Espera, pois, a empresa que, tanto os novos assignantes, como os actuaes se convençam de que só pela imprensa catholica é que se pôde regenerar o nosso palz, que vaes resvalando por um declive fatal á sua completa ruina.

A todos elles lembramos que as assignaturas são pagas adiantadamente, e com direito a brinde (a esplendida edição da «Imitação de Christo», traducção do Rev.^{mo} Padre Manoel Marinho), com tanto que remettam a esta administração a quantia de 1\$000 rs. E como é condição indispensavel que as assignaturas sejam pagas adiantadamente, só se concede este brinde até ao fim do mez de março.

D'ahi por deante custa 850 rs. a assignatura do jornal, reservando nós os 50 rs. para despesas de saque pelo correio, confiando igualmente que todos os snrs. assignantes pagarão pontualmente para evitarem mais despesas com novos saques.

Esperamos que todos se convencerão da realidade, e da franqueza com que lhes fallamos, na certeza de que vamos fazer todos os esforços por melhorar o jornal, tanto na parte artistica, como litteraria, para o que, conjunctamente com a prestigiosa narração da «vida de Bernadette, a Vidente de Lourdes, escripta pelo fallecido escriptor Henrique Lasserre, iremos intercallando uma importante e curiosissima «Viagem á Terra Santa, escripta

em 1819 por um religioso da ordem de S. Francisco.

E com isto encerramos o anno de 1901, esperando que Deus nos concederá vida e felicidade para cumprirmos o que promettemos para o anno de 1902.

A empresa.



DEVOCÃO A MARIA

Mãe de Deus e Mãe dos homens

Pensae em Maria.—Eu sou a Mãe dos peccadores que se querem emendar. (Santa Brig. Rev. I, 4, c. 138). Põe termo á vontade de peccar, e encontrarás Maria mais prompta a amarte, do que a tua mãe carnal (S. Greg.)

Invocae a Maria.—Em ti, Senhora, confio, porque de todo o coração desejo a graça e o amor de teu dilectissimo Filho; e, ao que deseja voar para Deus, tu lhe dás o preciso auxilio, e a ninguem deixas sem consolação (Santa Brig.).

Alegrae a Maria.—Vencendo as tentações com sincera repulsão, e encomendando-te principalmente com fervor a Nossa Senhora. Os filhos de Maria devem ser seus imitadores na castidade, e humildade na mansidão e na misericordia.

SECÇÃO DOCTRINAL

A sanctificação do domingo

PERGUNTOU um dia Nosso Senhor Jesus Christo aos Phariseus e aos Doutores da Lei, se era permitido curar os doentes no dia de sabbado?

Affectavam elles ser tão observantes d'este dia, que até se obstinham de fazer boas obras, como se ellas fossem prohibidas: ao passo que gastavam o dia na ociosidade e nos prazeres.

Jesus Christo fez-lhes pois aquella pergunta, para ter occasião de os desenganar, e fazer-lhes sentir que, se as obras servis lhes eram prohibidas, era para terem occasião de se entregarem ao serviço de Deus e ás boas obras; e que, em vez de se absterem d'ellas n'aquelle dia, deviam pelo con-

trario esmerar-se em pol-as em pratica.

Devemos sanctificar o Domingo que, na Lei da Graça, succedeu ao sabbado da Lei Antiga, pelo descaço religioso e pela oração.

O Papa S. Gregorio nol o diz, em breves palavras: «Devemos no Domingo deixar o trabalho, e entregarnos inteiramente á oração, para que se, por infelicidade, formos negligentes, durante os seis dias da semana, reparremos essa falta, sanctificando com piedade o dia consagrado á memoria da Resurreição do Salvador.»

O Domingo é o dia do Senhor, o dia do homem, o dia da familia e o dia dos povos.

Reservou-o Deus para si, e com ninguem quer partilhar a gloria d'este dia, nem ceder a menor parte ás obras da terra. O Domingo é o dia do seu sacrificio, dos seus sacramentos, dos triumphos da sua graça e da sua palavra; é o dia, em que a religião ostenta mais solemnidade nos actos sublimes do seu culto.

Ha no homem uma parte terrestre, que procede da terra, e outra celeste, que procede do ceu.

D'estas duas é com certeza a celeste, a espirital, a que constitue o homem, na sua accepção mais elevada.

O Domingo é pois o dia do homem, nascido de Deus; do homem espirital e immortal, do homem avido de conhecer o Soberano Bem e capaz de amal-o.

Ineffaveis encantos derrama este dia na casa da familia christã. Restituam-se ao Domingo seus direitos e antigas honras, e cada lar se transformará em uma escola de virtude, em um sanctuario de paz e innocencia.

O Domingo aproxima e reune os membros da familia, junta-os aos pés dos altares, agrupa-os em roda da cadeira evangelica, convida-os á Sagra-da Meza.

E quantas virtudes domesticas brotam d'estas sanctas praticas?

E' tambem o dia social por excellencia, o dia dos povos. A idea da nacionalidade envolve a de um culto publico.

Fez Deus as sociedades publicas, como os individuos; por este motivo deveu-lhe ellas um tributo de honra e homenagens solennes.

Provera a Deus que ellas fossem exactas no cumprimento de seus deve-

res religiosos, e não haveria sob o sol espectáculo mais bello: os povos bem-dizendo em voz unanime. Aquelle, que reina nos ceus, e de quem dependem todos os imperios! «.

O templo, o Sacerdote, o povo reunido em oração;—eis o culto publico; eis a santificação do domingo.

* *

Esta é de direito actual, divino e ecclesiastico.

A simples razão nos diz que todo o homem deve consagrar uma parte do seu tempo A'quelle, de quem tudo recebe. Conhecidos são tambem os textos da Escripura e as Leis da Igreja, que ordenam a santificação dos Domingos e dias festivos.

Não sanctificar os dias do Senhor, é pois uma grave desobediencia a Deus e á Igreja, porque um e outra ordenam urgentemente a sua sanctificação; é desprezar os beneficios de Deus; tendo elle instituido este dia, para lembrar-nos os bens que nos concede, e receber mais particularmente nossas adorações: é até um peccado de escandallo, que arrasta apoz de si muitos outros, e causa a ruina de muitas almas.

* *

O viajante que, depois de longa jornada, se sente fatigado, descança á sombra das arvores, que guarnece a estrada: assim o homem, que precisa reparar suas forças, durante o caminho, tantas vezes difficil, da vida, vae descançar no Domingo á sombra dos altares, recolhe-se ao silencio da solidão, fortifica-se no exercicio da oração e na pratica das boas obras.

E' alli que elle, dando ao corpo o repouso necessario, fornece á alma o alimento espirital, de quem tanto necessita.

Sanctifiquemos pois os dias do Senhor e os destinados á glorificação dos seus santos, e esforcemo-nos porque os outros os sanctifiquem tambem.

Abstenhamos nos das obras servis, e de toda a occupação, que distraia e desvie no espirito do serviço de Deus.

Dos peccados sobre tudo, é que mui particularmente devemos fugir, para que os dias consagrados a Deus, se não passem no serviço do demonio, como diz S. Chrysostomo: «Que cegueira! O domingo foi-vos dado, para purificardes vossa alma dos peccados commettidos durante a semana, e é exactamente n'esse dia, que mais offendis a Deus!»

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.
Abbate de Mancellos.

Verdades amargas

TERMINOU a furia com que alguns jornaes intentavam prolongar a questão religiosa, promettendo não desistir na campanha incetada, porque o paiz havia de pronunciar se etc.

Porque desistiram elles? Porque o Espirito de Deus callou nos seus corações, eliminando d'elles o furor da heresia, fazendo-os entrar no gremio da Igreja?

Não; o seu fim foi muito diverso. O motivo que os forçou ao silencio, já nós o previmos e mencionamos n'um dos nossos artigos: foi o cançasso publico. Aquella prosa soporiferamente indigesta causava asco a uns, e fazia adormecer fatalmente quem tentasse principiar a lê-la.

Alem d'isso, era contra senso a insistencia, porque a lei do paiz está em plena execução.

Mas boa ou má essa lei?

Má, evidentemente.

E má, por quanto, embora o governo não expulsasse os congreganistas das suas casas, como fez Joaquim Antonio de Aguiar, secularisou as congregações, e por isso mesmo matou-as, porque uma congregação religiosa secularisada será tudo, menos uma congregação.

Demos embora de barato que ellas existissem irregularmente em Portugal, conforme opinam os jornaes liberaes, comquanto não seja essa a opinião de grande numero de juris consultos portuguezes. O que é facto é que por varias vezes se representou ao parlamento, sem que os poderes publicos prestassem attenção a taes representações.

Agora veem os amigos do governo e os jornaes ultra liberaes bradarem em côro que as congregações foram favorecidas, porque ficaram.

Ficaram. Mas como? Secularisadas, sem noviciados, sem profissões, sem votos. De forma que estão condemnadas a morrerem lentamente, por não lhes ser possivel arranjararem pessoal que substitua o que fôr deixando de existir.

Tudo isto são verdades irrefutaveis.

E qual foi o resultado d'esta campanha violenta, formada contra a Igreja? Foi embrutecer mais o povo, indispondo-o cada vez mais contra a religião!

Como se não bastasse já o mal que haviam causado os jornaes immoraes vendidos a dez reis pelo meio das ruas, o estabelecimento de escolas protestantes em varios pontos do paiz, a escandalosa protecção aos espectaculos licenciosos, tudo quanto contribuiu para estragar a educação, e tirar a fé ao

povo,—veio mais agora a questão religiosa, para acirrar os animos do povo, e mais o indispor contra a Igreja de Jesus.

O resultado de tudo isto está patente para os olhos que souberem ver.

Veja-se a crise de moralidade que por ali vae, e digam-nos francamente se as saturnaes do antigo paganismo, se todos os medonhos *debauches* que fizeram ir por terra os grandes imperios da antiguidade, não eram os mesmos que hoje se estão dando n'esta Europa occidental?

Não é verdade que hoje é vulgarissimo o adulterio, e que são raros os contractos em que ha lizura e boa fé? Não é verdade que por toda a parte se tenta roubar o seu semelhante, que é vulgar ver os filhos assassinar os paes, ver o *amigo* vilipendiar o amigo?

Infelizmente é tudo verdade.

E quem é o culpado de tudo isto? E' a imprensa barata desmoralizando tudo, são as lojas maçonicas lançando a sua rede occultamente, são os especuladores querendo enganar o povo, para conseguir os seus negregados fins.

Qual seria o unico meio de deter esta sociedade, para ella não cahir no abysmo? Só a implantação da fé.

E que faz o governo?

Secularisa as congregações e faz á religião todo o mal que pode.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

SECÇÃO HISTORICA

D. Frei Caetano Brandão Arcebispo de Braga

ESTE grande Prelado, ornamento do archi-diocese bracharense, falleceu a 15 de dezembro de 1805: faz hoje exactamente 96 annos.

Nasceu na freguezia de S. João de Loureiro, concelho de Oliveira de Aze-meis, a 11 de setembro de 1740. Era filho legitimo de Thomé Pacheco da Cunha e de D. Maria Josepha da Cruz. Seu paes era sargento-mór de ordenanças, n'aquelle tempo logar d'alguma importancia em Portugal.

Caetano Brandão tomou em Coimbra o habito de S. Francisco na idade de 19 annos, no dia 28 de novembro de 1759.

Foi frade, como n'esse tempo, e ainda depois, foram frades muitos homens eminentes em sciencia e virtudes. Foi frade, mas este frade tem um nome immorredouro nos fastos da Igreja lusitana.

Quem diz Frei Caetano Brandão, diz um exemplar de Prelados: o seu nome é sempre pronunciado a par

d'um D. Frei Bartholomeu dos Martyres e d'outros não menos memoraveis.

Em seguida á sua profissão religiosa, frequentou a Universidade de Coimbra, onde tomou o grau de bacharel em theologia.

Achando-se em Vianna do Alemtejo, em 1774, no convento da sua Ordem, foi nomeado professor de philosophia no collegio de Jesus, de Lisboa, onde esteve até 1777.

Em 1782 foi nomeado Bispo do Pará, no Brazil, sendo sagrado em 2 de fevereiro do anno seguinte. Partiu para a sua diocese no mez de agosto do mesmo anno.

Começa agora o grande apostolado de D. Frei Caetano Brandão, o tal frade de Coimbra.

Tres annos depois de aportar ao Pará, conseguiu ampliar o edificio do antigo seminario, e melhorou-lhe o fundo do rendimento para ter um numero maior de alumnos; e já n'este tempo tinha visitado uma grande parte da diocese, empenhado em emendar os erros, abusos e miserias do seu rebanho.

Para soccorrer os enfermos pobres, ia o santo Prelado todos os sabbados á noite, com alguns Irmãos da Caridade que elle instituiu, pelas ruas a pedir esmola para os desvalidos,—e elle mesmo levava nas mãos a alfofa!

Em 1787, menos de quatro annos depois da sua chegada ao Pará, pôde obter, por esmolas, um capital com que edificou um hospital para os pobres.

Abriu-se este pio estabelecimento com festa solemne; e para isso tambem escreveu para Portugal ao ministro Martinho de Mello e á rainha D. Maria I, e a todos os que podiam auxiliá-lo.

Não pôde o Prelado guardar no animo uma tal festa: e em carta para amigos dizia assim:—«Estão os meus pobresinhos já na sua casa; e então que casa! Um palacio magnifico!»

Em 25 de setembro de 1788 chegou-lhe a sua nomeação para Arcebispo de Braga, e logo em agosto do seguinte anno se dirigiu para Lisboa.

E note-se que vinha expôr ao governo a conveniencia, senão a necessidade de o deixarem voltar ao Pará, afim de que não perdesse o que lá havia principiado; era um collegio de meninas orphãs e desamparadas, para cuja obra pediu esmolas pelas portas. Chegou a Lisboa a 19 de outubro de 1789.

Não sendo, porém, attendida a sua supplica, não teve remedio D. Frei Caetano Brandão senão acceitar a mitra de Braga.

Esteve algum tempo na freguezia de Loureiro, terra da sua naturalidade,

onde confessou, prégo e crysmou todos os dias que alli se demorou.

A 16 de setembro de 1790, ás 3 horas da manhã, entrou n'uma liteira, com destino a Braga. Jantou nos Carvalhos, freguezia de Pedroso, onde o esperavam o Padre Preposito do Oratorio de Braga, e mais um companheiro.

Reparavam elles ser uma mesa pobre e sem aparato...

Findo o jantar, mettem-se na sua liteira, e foi apear junto ao Douro, em frente da cidade do Porto. Todos os navios festejaram com salvas de artilheria a sua chegada. Desembarcou nos caes onde o esperava a nobreza e conegos, tendo primeiramente visitado a capella do Senhor de Além.

O regimento de Infantaria cumprimentou o Prelado com uma salva geral, o que elle agradeceu, e mandou offerecer 20 moedas para um refresco dos militares. Atravessou a cidade em uma berlinda até á igreja da Lapa.

Alli despediu-se da comitiva, mettem-se na liteira e foi dormir a Leça do Balio.

(Entre parenthesis: Leça do Balio, que hoje pertence ao concelho de Bouças, era então do meu concelho da Maia: o Arcebispo pernoitou no paço da baliagem, junto á igreja matriz, 7 kilometros ao norte do Porto).

No dia seguinte chegou a Braga, ás 4 horas da tarde onde todos o esperavam. Foi recebido com magnificos festejos por um numeroso ajuntamento de pessoas de toda a diocese.

Mas deixemo nos de festas, e vamos ao mais bonito. Poucos dias depois de estar em Braga, mandou os damascos do paço para as igrejas desprovidas, e vendeu os coches e cavallos, baixellas de prata e de ouro, e tudo foi applicado aos pobres.

Tratou logo de augmentar os estudos ecclesiasticos com as cadeiras de instituição de direito, historia ecclesiastica, dogma e moral, além das do seminario de orphãos, meninos e meninas.

Chegou o anno de 1805, em que falleceu, e, durante este tempo, visitou treze vezes a sua extremosa diocese, deixando em cada uma assignalada a sua beneficente passagem.

Como Arcebispo, tinha tido os mesmos costumes de vida, simples e parca mesa, sempre com um pobre á mão direita, costume que adoptou no Pará.

A sua organização, que nunca fôra robusta, estava ultimamente muito quebrantada; qualquer passeio o fatigava a ponto de não poder respirar, e as forças diminuiam pouco a pouco em cada dia.

Apesar de tudo isto, tinha preparado tudo para a decima quarta visitaçãõ do seu arcebisado, porque não se eximia a nenhum dos antigos trabalhos.

Falleceu, como já disse, a 15 de dezembro de 1805.

Santo Arcebispo! Tão pobre e humilde em vida, teve um funeral de rei: e ao seu tumulo, na cathedral de Braga, acercam-se ainda hoje os doentes e os afflictos! Sagrada canonisaçãõ! Eloquentes epitaphio.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO CRITICA

Socialismo, christianismo e catholicismo

Os amigos do esposo devem-lhe dar maiores penhores e signaes d'abnegação e sacrificios, que o commum dos leigos e servos devotos. De que forma particular faço eu isto? Que sentimentos eu tenho a tal respeito?... E o que virão a ser?... Na vida do padre, quando Deus não está n'ella, se fazem sentir, o mais vivamente, as tristezas que o devoram.

Padre da santa Igreja, eu me lastimo, ai de mim! eu tenho saudades de meus dias venturosos, em que, simples fiel, era eu feliz em approximar-me do santuario com o maior respeito e amor. Chegado á idade madura, tenho pena dos annos de minha infancia e de minha mocidade, quando eu tinha maximo enthusiasmo e zelo por as praticas de piedade christã,—em que me impunha sacrificios para me corrigir de meus defeitos e corresponder ás inspirações do auxilio divino.

E quando contemplo e admiro aquellas almas, que vivem tam simples e fervorosas no meio do mundo, que generoso motivo de sensibilidade! Que attitude tam recolhida, reservada, modesta. Passados vinte annos, ainda são do mesmo modo fieis as suas acções de graças, como no primeiro dia; e, que se não enfadam da companhia de seu Deus, vê-se bem pelo seu exterior modesto, etc.

Digamos, pois, com a santa Igreja, sacerdotes e religiosos: «As torres de Jerusalem serão feitas de pedras immaculadas, preciosissimas» (Liturgia). Sim, os verdadeiramente santos, eis essas pedras de grandissimo valor, que formam o edificio da Jerusalem celeste. Além de tudo isto em que se pensa, seremos nós dignos de figurar um dia em o numero d'estas pedras mysteriosas, aperfeiçoadas pelo celeste Obreiro, recebendo uma continua mortificação?

Qual é minha perfeita submissãõ a tal respeito, como a pedra, nas doencas, afflictões, etc. Senhor, dae-me a docilidade de uma pedra qualquer para

um dia eu ser escolhido para o edificio celeste.

Digamos a Deus, com o psalmista rei: «Faze bem o monte Sião da tua vontade, para que os muros de Jeru- ralem sejam edificados.» Assim, se o mal não desaparecer de todo, faz-se sentir menos: do mal o menos. Temos nós comprehendido esta indispensavel necessidade de nos fazermos a nós mesmos a operação da pedra, e de a polir ao gosto da divina vontade?

A falsa sciencia, falso affecto e amizade roubam, pelo menos, tempo a nossas almas,—almas humanas! as affeições da familia captivam-as; o empenho que teem os homens de sobreviverem em seus filhos,—em suas obras, os absorve, os distrahe; os encantos das riquezas, da honra e do prazer os lançam no turbilhão da vida, onde se distrahem, não sabendo de seu mal-estar.

O resfriamento espiritual e o afrouxamento na virtude, tal é o perigo que mais deve temer uma pessoa religiosa. E' o pensamento do amor de Jesus Christo por nós o mais efficaz e seguro meio que a religião nos fornece para resistirmos á funestissima tendencia, que nós temos de nos affastarmos do que nos desagrada, como é o trabalho, a mortificação, e o soffrimento, as contradicções, ... e de procurarmos com um grande cuidado aquillo que nos deleita, como é o viver á grande, o bondosissimo descanço, as distracções, os bons manjares, o bem-estar...

A razão diz-nos que precisamos resistir ao attractivo da natureza, que devemos regeitar a falsa sabedoria d'este mundo; mas a razão é fria, e não convence a vontade sempre. Se nosso coração estiver commovido nos conduzirá valorosamente pelo caminho de sacrificios.

Vejamos como Jesus Christo nos ama efficazmente. Pensemos o que soffreu por nós desde o dia em que deixou, soberanamente feliz, o seio do Pae; vamos em espirito a Belem, a Nazareth, ao cenaculo, ao Calvario.

Um Homem Deus, que tanto soffre a por amor de nós, merece ser por acaso servido com a tepidez, com o desleixo, com a indifferença e villania, que um homem do mundo não merecel! O servir d'este modo não é, lealmente falando, pagar um surprehendente amor com a mais negra ingratição? Suas correrias evangelicas, ... Recordemos... Meditemos na Eucharistia, emfim.

O padre tem posições excepçoes, em que o esquecer-se ou distrahir-se de sua vida sociavel não é cousa facil. Vive segundo seu estado, fóra do mundo, como no meio do mundo. A tagarellice inutil com os leigos, ou a falta de

gravidade produz muitissimas vezes as illusões de sonhos douradissimos.

«O que desejamos facilmente acreditamos, diz o nosso vulgo.» E diz muito bem. Vemos jornaes que muito desejam nossos padres todos maus ou peores, e leitores ou compradores d'elles, que não são melhores. Ociosos, calumniam padres. Assim ouço: «Diz aquelle padre que, tirado seu cabeção, é sómente homem.» E no inferno?! «Aquell'outro padre diz que não acredita nas palavras da consagração.» E diz missas?!

Nosso povo está como aquelles jornaes que sómente querem numero de noticias e novidades; como não póde haver escolha onde só se quer numero, agoenta, como aquellas pessoas que nos dizem: «A quem não tem os de- feitos, põem-se!»

Para livrar de tudo isto, até não tem familia o padre, está livre de cuidados futuros, de alegrias clamorosas, etc. E' porque, quando nos falta Deus falta-nos tudo. Sua presença, se no presbyterio se occulta, faz-se sentir vivamente; nas solidões, no retiro as horas do dia tornam-se assáz longas: assim o padre, humanamente falando, é muito para se lamentar.

(Continua).

A. S. FERREIRA.

SECÇÃO LITTERARIA

Milicia Christã

3.^a PARTE

XVI

Com o malho dando e a Deus rogando

DEUS tudo póde; quer, porém, que empregemos os meios ao nosso alcance quando esgotados estes, que certamente nunca vão longe, quer que recebemos o seu omnipotente auxilio mediante a oração. Elle nos deu generosamente talentos, para que com elles rompamos pela vida do tempo e tambem pela da eternidade: e, como bem sabe o quanto esses talentos valem, não quer que os enterremos: mas sim que cada qual de nós os negoceie convenientemente para honra nossa e do Creador.

Os que querem que Deus lhe dê o grão quotidiano sem trabalharem, d'uma ou d'outra fórmula, insultam ao Creador por lhes ter dado actividade e forças inuteis.

Os que pretendem salvar-se fazendo em tudo a sua vontade sem se importarem para nada com a de Deus, insultam ao Redemptor, que quando nos veio a redimir e a ensinar o caminho da salvação com a palavra e com o exemplo,

disse bem alto e mostrou até a evidencia com as suas obras que não vinha a fazer a sua vontade; mas sim a do Eterno Padre, que o enviara.

Os que se queixam porque o seu trabalho não produz o bastante, para extravagantes pandegas, ou lautas comensinas, ordinariamente são castigados como ingratos, vendo-se privados do parco jornal, que chegava para o mais necessario, e no desespero da indigencia.

Os que no espiritual vendo que não pódem com as suas virtudes figurar como grandes santos, esmorecem no exercicio d'ellas e morrem ordinariamente na indigencia do merito e na abundancia dos vicios.

O que na lucta pela vida temporal despresa as pequenas economias quotidianas depaupera-se insensivelmente.

O sonhador que no espiritual despresa os pequenos lucros no fim da vida não os terá grandes.

De pequeninas areias formou-se grandes montanhas, e de muitas quantias pequenas, grande somma.

O que trabalha sómente alguns dias por semana, ainda que muito ganhe, vem a passar fome; porque as horas d'ocio, são necessarias para a expansão do espirito ou para a boa hygiene do corpo, são glotonas e dissipadoras.

Os que no espiritual tem a presumpção de fazerem de longe a longe alguma cousa grande e se deixam cahir no desleixo por longos intervallos, no fim do anno sumando lucros e percas de certo que ficam alcançados na conta.

A senhora de casa que acha tempo livre para rever-se ao espelho, para dar ao leque no verão, ou para ler o jornal ao relento do fogão no inverno, e que sae da cama duas horas mais tarde que a sua criada, não faz casa, desmancha-a.

O christão que se crê tão bomsinho que já não tem que sacrificar os seus caprichosinhos nem fazer mais actos d'abnegação e sacrificio, não acumula meritos, resigna-os.

A mulhersinha, que, quando não cozinha, varre, lava, engoma, talha, cose, fia ou doba faz casa, será rica no seu meio. O christão mais ou menos illustrado ou talentoso, que offerece cêdo as suas obras a Deus e durante o dia no seu meio e segundo a sua classe e condição trabalha sempre, e como para Deus, ao cair cansado no leito leva enfiados muitos e ricos meritos com o malho dando e a Deus rogando.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

Natal

Os povos iam errados
sem uma luz, um fanal...
Raja esperança no oriente,
desfaz-se a nuvem do mal.

Montanhas da Palestina,
campos de Dan e Issachar,
auras do céo vos perfumam
desde o Nebo até ao mar.

De Jacob scintilla a estrella;
— novo assombro á terra e aos céos;
zagaes e Anjos entoam:
«Paz aos homens, gloria a Deus!»

A Virgem maravilhosa,
formosa estrella do dia,
mandou-nos fulgor celeste
que os seculos alumia.

Junto do humilde presepio,
de fenos alcátifado,
José e a Virgem adoram
um Deus em palhas deitado!

Presepio — throno de um Deus,
venturas da humanidade...
collie as primicias do affecto,
ó templo da christandade.

Os deuses pagãos baqueiam;
da sibylla expira o brado;
cae um mundo, e um mundo surge
da antiga mancha illibado.

Capinha prodigiosa,
dos céos ádito ridente,
ha hi dádivas a pobres?
saciae este indigente.

A' idade ferrea succedem
da aurea idade os dias bellos:
trasbordam dons ineffaveis,
o Justo veiu a trazel os.

Do Sinai a voz ingente
muda em infantis desmaios.
Cains, haven-lo-os na terra,
cali-lhe aos pés e beijae-os.

Das regiões todas do mundo
vinde, povo, vinde, ó reis...
anhelaes, buscae, o gozo,
a esmo aqui o havereis.

Com Adão a herança perde-se!
pobre a grei soluça e chora...
Nasce Jesus, ha riqueza
que a todos sebeja agora.

O' Jesus, vós sois a luz!
O' Jesus, vós sois o amor!
Manná nos ermos da terra,
da vida eterna penhor!

Dr. Salles

O PROBLEMA DE LOURDES
(Versão do francez)

(Continuado do n.º 21)

Os medicos que trataram este pobre operario, fazem a mesma declaração, e, um d'elles, examinando a perna de Pedro exclamou, saltando-lhe as lagrimas dos olhos: «Estás radicalmente curado; a tua perna é como a d'um menino que acaba de nascer! Todos os remedios humanos eram impotentes; mas o que não foi possível aos medicos, foi possível a Maria!» (1).

Esta declaração entusiasta é confirmada pela do Dr. Van Haestenberghemenos propenso a crêr do que o seu collega.

E' util recordar que o Dr. Van Haestenberghé é o medico signatario do attestado de origem.

«Quando Pedro Rudder, escreve este medico, partiu em peregrinação, havia oito annos que *arrastava* a perna e andava penosamente com duas muletas. O terço inferior da perna e do pé andavam pendentes como fragmentos separados.

«Pedro voltou no mesmo dia, sem muletas e a dançar; desde o dia immediato até hoje, percorre muitas leguas a pé, exercicio de que muito gosta e de que havia estado privado por tanto tempo.

«Naturalmente fui visital-o, e confesso que *não acreditava* n'esta cura.

«Que vi? Uma perna á qual não faltava nada; se eu não tivesse examinado o infeliz *antes*, certamente teria emitido a convicção de que tal perna nunca fôra quebrada.

«Com effeito; passando lentamente os dedos sobre a tibia, não se nota a menor irregularidade, mas sim uma superficie perfeitamente lisa d'alto a baixo; apenas se distinguem algumas cicatrizes superficiaes na pelle.» (2)

Esta cura *instantanea* d'uma fractura não consolidada, que havia sido produzida oito annos antes, é absolutamente *inexplicavel* sob o ponto de vista medico.

A *prova do tempo* não desmentiu tal cura, por isso que Ruder, que é jardineiro, não tem deixado de trabalhar, desde esse momento.

A physionomia particular da cura surprehendente de Ruder reside inteiramente na observação seguinte:

«A *causa* das curas extraordinarias de Lourdes não está nem nas suas *aguas*, nem no seu *sítio*, nem nas suas *cerimonias*.»

Revista geral

Dos factos que acabámos de narrar podemos tirar logicamente as conclusões seguintes:

1.º A *realidade* das curas extraordinarias de Lourdes é certa, pois que é confessada por todos, inclusivé M. Zola;

2.º A *explicação* d'estas curas ainda não foi feita pela sciencia;

3.º A theoria da *suggestão* não pôde ser invocada depois da cura da pequenina Ivoune Aumaitre;

4.º As curas extraordinarias de Lourdes são demonstradas por documentos officiaes e por *provas materiaes*;

5.º A *causa* d'estas curas não se encontra nem na *agua* da fonte, nem no seu *sítio*, nem nas suas *cerimonias*.

Somos pois obrigados a chegar fatalmente á conclusão seguinte:

A causa dos factos realmente extraordinarios de Lourdes reside n'uma força *desconhecida*, mas intelligente, que revela o seu poder, transformando doenças incuraveis, sobre a cura das quaes a prece fervorosa sob todas as formas, supplicae, banhos, loções não pôde por si mesma ter um effeito curativo apreciavel.

Tal é o terceiro dado do problema de Lourdes.

* *

E' certo tambem que os esforços dos impugnadores da Lourdes *sobrenatural* não são derigidos sobre o lado pratico, porque n'este campo a lucta é impossivel. Estes adversarios são sobretudo habeis declamadores, que, desprezando os pontos essenciaes d'uma discussão precisa, preferem as *generalidades* e os *distinguo* theoricos.

Examinemos algumas das suas asserções.

* *

1.º *Tudo isso é impossivel*, dirão logo á primeira vista alguns hypnotisados da sciencia.

Tal é o primeiro grito de revolta, que naturalmente dão os que têm o culto da sciencia. Conhecemol-o por experiencia; porem importa confessar que este grito não é uma prova.

Effectivamente, não é logico dizer que as curas extraordinarias de Lourdes não existem, porque a Sciencia não as pôde explicar.

De resto é necessario não ser tão susceptivel em tal assumpto, porque a sciencia algumas vezes se engana; ella ainda não explicou tudo, e todos conhecem a famosa *barreira* que M. Brunetiere quiy impôr-lhe. Nada em summa é *impossivel*, como se diz em francez, a é necessario que ácerca de Lourdes não apresentemos a mesma objecção de impossibilidade que teriam

(1) Lourdes, Boissarie, p. 175

(2) Lourdes, Dr. Boissarie, p. 177.



Noé amaldiçôa Clanaan

aprentado os nossos antepassados, se lhes fallassemos dos progressos accumulados n'este seculo pelo vapor e pela electricidade. Não insistiremos pois mais sobre este assumpto.

*
*
*

2.º Desejára vêr para crêr.

Esta objecção é geralmente feita por pessoas que amam muito particularmente a tranquillidade, e que não se dão nunca ao incommodo de investigar por si mesmas; ellas ver-se-iam talvez, admiradas se lhes affirmassem que assistiam a um facto sensacional; viriam

então a Lourdes, como se vae á Opera, quando uma peça tem successo, ou á camara quando a sessão promette ser tempestuosa.

Como nós não podemos proporcionar-lhes este luxo, contentar-nos-emos com pedir-lhes com empenho que tenham a bondade de passar por este incommodo um pouco maior, ruido a Lourdes, que nós lhes promettemos então, se assim o quizerem, que poderão vêr para crêr.

A objecção não tem afinal nenhum valor, porque seria a negação da historia. N'este momento ninguem pôde vêr Joanna d'Arc, e comtudo ninguem du-

vida da existencia da libertadora da França. Seria tambem muito facil a um montanhez dos Cevennes negar a existencia de Paris, porque nunca viu a grande capital.

Entre estes impugnadores, a um tempo phleumaticos e facetos, alguns ha entre tanto, que *viram* mas não quem *crêr*, porque desejariam observar algo de mais forte, um braço que repelle, por exemplo.

E' certo que uma creação d'este genero não é superior á força que produz as curas extraordinarias de Lourdes, mrs importa crêa tambem que Lourdes não é uma *clínica* onde o

Sobrenatural deva adaptar-se ás exigencias de quem quer que seja.

De resto seria uma injuria exigir um milagre n'estas condições.

O Senhor do Universo, que deu ao homem o *libre arbitrio*, não pode razoavelmente tirar-lh'o por uma manifestação do seu poder, que todos podiam verificar quando lhes parecesse. Forçando-nos a crêr, o Deus justo tirarnos-ia ao mesmo tempo todo o merito da fé.

O milagre não tem razão de ser senão para esclarecer os que se dão ao trabalho de investigar.

E' pois dever de todo o incredulo desejoso de convencer-se, o investigar todas as vezes que a verdade possa ser encontrada, quer estudando e refazendo, se necessario fôr, os inqueritos já effectuados, quer examinando os enfermos no momento da immersão nas piscinas, quer seguindo-os na procissão do SS. Sacramento. A sua perseverança e boa vontade serão então certamente recommendadas.

São raros effectivamente os que podem *tocar com o dedo* o milagre sem o procurar, e correria risco de nunca o vêr quem esperasse, tranquillamento assentado em confortavel *fauteuil*, o momento necessario para obter uma convicção porfeita.

Procurae e encontrareis disse o Divino Mestre. Procedei scientificamente por pacientes investigações e desvendareis o segredo das curas extraordinarias de Lourdes.

*
* * *

3.º *As curas extraordinarias des Lourdes são certamente indiscutíveis, mas devem attribuir-se a uma força desconhecida que a sciencia não tardará em descobrir.*

E' a unica resposta possivel de todos aquelles que, não se atrevendo a negar a evidencia dos factos, e reconhecendo, como o Dr. Diday, de Lyon (que é com tudo um dos mais encarniçados adversarios scientificos de Lourdes), que estas curas excedem o alcance dos meios naturaes, querem ser logicos conservando até no fim o *culto* da Sciencia, o seu ultimo cartucho.

Esta ultima abjecção que parece logica, á primeira vista pecca absolutamente pela base.

E' certo, effectivamente, que a sciencia tem encontrado em todo o tempo forças *novas e desconhecidas* até então. Estas descobertas entretanto não têm nunca mudado certas *leis* da natureza, que são *immutaveis*.

Por outro lado as novas forças têm sido utilizadas, mais ou menos felismente, mas nunca tem estado em contradicção com as *leis fundamentaes* da natureza.

Uma descoberta pode sem duvida augmentar ou attenuar os effectos d'uma força conhecida, mas é incapaz de supprimir as leis que seguem esta força.

A antiseptia moderna, por exemplo, permittiu praticar operações novas, porque pode assignar a cicatrização das chagas, pondo-as ao abrigo de todo o contacto infeccioso. Não é com tudo capaz de fazer cicatrizar *instantaneamente* uma chaga, qualquer que ella seja, nem mesmo uma arranhadura, porque existe uma lei immutavel a qual estabelece a regeneração *progressiva* dos tecidos.

M. Zola tem pois razão, quando diz que a cicatrização instantanea d'uma arranhadura é um milagre tão assombroso como a cura immediata d'uma grande ferida.

E' portanto scientificamente impossivel descobrir a força desconhecida que produz em Lourdes a cicatrização instantanea das feridas. Por este mesmo facto, se colloca essa força *acima e fóra* de todas as forças cegas conhecidas e estudadas pela sciencia moderna.

Só uma força superior pode operar as transformações de Lourdes, sem que a harmonia das leis fundamentaes da natureza seja de modo alguma perturbada.

Para descobrir pois esta força superior, a sciencia não se ha-de limitar a procurar sobre a terra, é necessario que se levante para o alto, para o céu.

Importa finalmente, confessar que, se esta ultima resposta dos impugnadores de Lourdes não representa totalmente a famosa *bancarrota* da sciencia, é pelo menos o pedido d'uma renovação de credito.

Não somos nós que repelliremos este pedido, e seriamos os primeiros a inclinar a cabeça, se a sciencia podesse manter as suas promessas. Rogámos em compensação que este pedido de credito não seja um engôdo para passar tempo, e que a sciencia, cuidadosa de hoje em diante em satisfazer os seus compromissos, ponha resolutamente mãos á obra para chegar a uma explicação seria das curas extraordinarias de Lourdes.

Conclusão

Esperando esta descoberta e esta explicação tão desejadas, é facil reconhecer na força *desconhecida*, que produz as curas extraordinarias de Lourdes, todos os attributos d'um Deus, *Esta Força das forças*.

E' pois muito logico reconhecer, como effectivamente reconhecemos, que este Deus não póde deixar de ser o Deus dos Christãos, por isso que ouve as preces dos seus fieis.

Reconhecemos o seu supremo poder nas curas sensacionais de Lourdes,

onde são alteradas todas as leis da natureza.

Adoramos esse Deus omnipotente, o *Padre Eterno*, Creador do mundo.

Reconhecemos a sua bondade e a sua generosidade divinas na manifestação oportuna das signaes sensiveis do seu cuidado pelos homens de bôa fé, extraviados pelas descobertas e pelos progressos da sciencia moderna.

Bem dizemos e damos graças a esse Deus de misericordia, o *Christo Redemptor*, salvador dos homens.

Reconhecemos a superioridade da sua intelligencia no *plano* divino do problema de Lourdes, cujos dados principaes se seguem e corroboram, formando d'este modo pela sua união intima um *bloc unico*, que a sciencia ainda não conseguiu demolir.

Admiramos esse Deus de luz, o *Espirito Santo*.

O estudo do problema de Lourdes revela-nos assim o supremo poder do Pae, a bondade infinita do Filho e a intelligencia superior do Espirito Santo, as tres Pessoas d'um *só e mesmo* Deus, triplice essencia do mysterio da Santissima Trindade, e base fundamental da religião catholica.

Com as palavras de Bernardette, *Eu sou a Immaculada Conceição*, palavras celestes, de que uma humilde pastora se fez echo sobre a terra, o problema de Lourdes revela-nos ainda um dos principaes mysterios da religião catholica.

Taes são as verdades e as consequencias do problema de Lourdes.

*
* * *

Catholicos, erguei a frente e escutae; porque, se é mais meritorio e mais heroico mostrar uma fé inabalavel á vista dos sarcasmos scientificos da impiedade moderna, é certamente mais consolador e sobretudo mais fim de seculo apoiar as proprias crenças sobre signaes sensiveis, corroborados pela Sciencia e pela Razão.

Scepticos de bôa fé, vós todos que andaes atormentados pela duvida, ou perturbados pela temivel questão *do alem*, vinde a Lourdes estudar o seu problema, e ficareis consolados, porque encontrareis aqui a paz com a Verdade.

Para traz sectarios de todas as côres, que negaes por *systema*, ou porque estaes de opinião antecipada, ou porque assim vol-o *ordenam*, não discutiremos comvosco, porque não sois, afinal, nem a Sciencia nem a Razão.

FIM

(Trad. do T. J. M.)

SECÇÃO NECROLOGICA

Bispo de Lamego

Falleceu no dia 3, no respectivo paço episcopal o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro, bispo de Lamego.

Nascera o finado prelado em Lisboa no dia 9 de julho de 1843, contando por conseguinte 53 annos, 4 mezes e 25 dias. Ordenado sacerdote, foi por muito tempo secretario de D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, durante o tempo que este illustre arcebispo primaz foi arcebispo de Goa. E tam dedicado e intelligente se portou n'esse logar, que prestou inolvidaveis serviços á santa causa da patria e da Igreja. Basta ver para isso a parte que, na sua qualidade, tomou o illustre finado nos notabilissimos relatorios, que tanta impressão causaram no publico, e no governo portuguez.

Foi depois vigario geral de Bombaim e de Meliapor, visitador e governador das missões da archidiocese de Goa.

Voltando ao reino, foi escolhido em 1883 pelo conselheiro ministro da marinha, de então para prelado de Moçambique, o que constrangidamente acceitou, sendo accete e confirmada a sua nomeação pela Santa Sé, que o elegu bispo de Lycopolis.

Foi sagrado no dia 8 de dezembro de 1883, na parochial igreja do Sacramento em Lisboa, sendo sagrante Monsenhor Vicente Vanutelli, então nuncio apostolico, e sendo prelados assistentes o Snr. D. José Dias Correa de Carvalho, bispo de Vizeu, e D. José Maria da Silva Ferrão de Carvalho Martens, bispo de Portalegre.

Partindo para Moçambique, fez reformas importantes na sua diocese, fazendo prevalecer os direitos e privilegios da Igreja portugueza.

Em 27 de março de 1884 foi transferido de Moçambique para Angola; ali continuou a prestar serviços á Igreja, até que em 13 de julho de 1891 se despediu dos seus diocesanos por ter sido nomeado coadjutor e futuro successor do finado bispo de Lamego, D. Antonio da Santissima Trindade de Vasconcellos, a quem finalmente succedeu em 1895.

Era o finado prelado uma das primicias figuras do episcopado portuguez, por sua bondade, evangelica caridade, e sobretudo pela sua reconhecida illustração. Fallava com grande correção grande numero de linguas vivas, mórmente a franceza, a ingleza e a italiana. Estas duas ultimas linguas fallava-as e escrevia-as, por ter

residido em Roma e nas possessões inglezas.

Viveu e morreu pobre o virtuoso prelado, pois que distribuia pelos indigentes tudo quanto possuia, chegando a pedir adiantamentos sobre a sua congrua, quando não tinha dinheiro disponivel para socorrer a pobreza e alliviar innumeradas infelicidades.

Deixou o Snr. D. Thomaz da Silva Leitão e Castro varias provas comprovativas do seu zelo e da sua illustração. Basta citar o volume que publicou em 1892 dos seus *Trabalhos pastoraes*, referentes a Africa, e uma memoria publicada na *Ordem* de Coimbra, no tempo em que era Vigario geral de Meliapor, ácerca da celebre questão do padroado.

Tomou s. exc.^a rev.^{ma} assento pela primeira vez na camara dos dignos pares em 30 d'abril de 1896.

Esteve ha pouco tempo nas caldas do Molledo, afim de se tratar da diabetes, doença antiga que muito o atormentava, e foi depois d'isso que se sentiu mal d'um pé, que lhe inchou enormemente, e só depois de se convencer da gravidade do mal, é que pediu os Sacramentos da Igreja.

E' geral em Lamego o sentimento em todas as classes porque o snr. D. Antonio era amado, respeitado e querido de todos os lamecenses. Mal foi conhecida a noticia do fallecimento, e logo todos os sinos dobraram a finados, e logo todas as lojas se fecharam, e todos os edificios publicos arvoraram bandeira a meia haste.

Notas

—Consta que em virtude do fallecido não ter meios para costear o enterro, se cotisou o rev.^{mo} cabido, afim de que fossem feitos dignamente os officios de sepultura.

—Como a gangrena em breve pozesse o corpo em decomposição, foi o cadaver mettido logo em caixão de chumbo, e assim ficou vellado por quatro seminaristas, revestidos de sobrepelliz.

—Na capella do paço, transformada em camara ardente, foram ditas muitas missas de corpo presente, por alma do venerando finado.

—Era ha annos um dos mais conspicios membros da Sociedade de Geographia de Lisboa, e n'essa qualidade veio em março de 1894 assistir n'esta cidade ás solemnidades realisadas por occasião do centenario henriquino, tendo vindo tambem aqui, por varias vezes, nos ultimos tempos da existencia do fallecido cardeal D. Americo, exercer as funcções do seu elevado ministerio.

Disse-nos o fallecido prelado, por uma d'essas occasiões que se achava

alquebrado de saude, e que ia pedir ao governo de Sua Magestade um coadjutor e futuro successor, para o auxiliar na ardua missão de que se achava investido.

—Mal soube a noticia do seu fallecimento, partiu para Lamego o Rev.^{mo} Deão da diocese, que aqui se encontrava em tratamento e que agors foi eleito vigario capitular da diocese.

—O Nuncio de Sua Santidade, tendo recebido um telegramma do cabido a participar-lhe o fallecimento do prelado, enviou, em resposta, o seguinte telegramma:

«Accompanho do mais fundo do meu coração, o reverendissimo cabido, o clero e fieis d'essa illustre diocese, na dôr pela perda de tam zeloso e bene merito prelado, e oro a Deus, pelo descanço eterno da sua alma bemdita. *Nuncio Apostolico.*

—Os officios funebres tiveram logar na sexta feira 6 do corrente, na Sé Cathedral de Lamego.

A sua exc.^{ma} irmã a snr.^a D. Maria da Piedade da Silva Leitão e Castro residente em Lisboa, no real recolhimento do Grillo, ao Beato, damos os nossos sentidos e cordeas pesames, pedindo a todos os nossos leitores uma prece por alma do illustre finado.

Foi tambem Deus servido chamar á sua divina presença a alma do Exc.^{mo} Snr. Fernando Maria d'Almeida Pedroso, brilhante e valente escriptor catholico, director e redactor do nosso pre-sado collega a «Nação.»

Havia nascido em 1818, contando portanto 83 annos.

Em 1840 matriculou-se na Universidade de Coimbra, d'onde saiu formado em direito em 1845.

Em 1847 começou a collaborar na *Nação* d'onde foi depois um dos mais assiduos e insignes colaboradores.

Em 1851, junctamente com Gomes d'Abreu fundou o *Catholico*, que durou até 1852, anno em que Fernando Pedroso partiu para a Italia, em companhia do marquez d'Abrantes, de quem foi amigo e auxiliar. Em Roma foi o grande jornalista recebido pelo Pontifice Pio IX, tendo uma conferencia com o cardeal Antonelli ácerca da situação religiosa de Portugal.

Como jornalista foi o finado escriptor um polenista distincto, tendo collaborado tambem em muitos outros jornaes.

Em 1875, tendo se formado em Lisboa a Sociedade de Geographia foi o Dr. Fernando Pedroso um dos primeiros socios. E d'então para cá, quem consultar os respectivos boletins por muitas vezes verá o nome do finado usando da palavra, e quasi sempre, — senão sempre —, para tratar do seu

assumpto predicto — as missões ultramarinas.

E foi depois de ter assistido á primeira sessão do Congresso Colonial que, saindo por volta da meia noite, foi atacado d'uma congestão cerebral, que em 24 horas lhe fez render a alma ao creador.

Assistiu-lhe aos seus ultimos momentos o nosso venerando prelado, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso, conservando-se sempre junto do leito, duas religiosas de S. José de Cluny.

Foi depois amortalhado, e sobre a sua casaca, foi-lhe vestido o habito de S. Francisco, de que o finado era irmão.

Seguiu sempre as idéas legitimistas, mas foi um justo, um homem de bem, um verdadeiro catholico, e um notavel escriptor.

Na sexta feira 6 do corrente teve officio de corpo presente na egreja de Magdalena em Lisboa, com missa de pontifical pelo Rev.^{mo} prelado d'esta diocese. A' illustre familia do finado damos os mais sentidos pesames, e aos leitores pedimos uma oração por alma do venerando extincto.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Santa Martha Virgem

(Vid. pag. 279)

Foi, como todos sabem, irmã de Santa Maria Magdalena, e uma das santas mulheres, de que fallam os Evangelhos. Jesus Christo um dia jantou em sua casa, e Santa Maria foi sentar-se aos pés de Jesus, ouvindo, enlevada a sua palavra suavissima, e Santa Marta occupada no arranjo da casa, andava d'um para outro lado dando ordens e preparando a comida para banquetear o Salvador; e como Magdalena a não ajudasse, foi queixar se a Jesus.

E que lhe disse o divino Mestre? «O que tu fazes é bom; mas o que Magdalena faz, é melhor.»

Tambem Jesus a pedido das duas irmãs, resuscitou seu irmão Lasaro, já morto ha trez dias.

Foi uma das amigas da Santissima Virgem, e acompanhou sempre o Santo dos Santos.

Falleceu pelos annos 68 ou 70 de Jesus Christo, com 65 annos de idade.

* *

Noé amaldiçoã Clanaan

(Vid. pag. 285)

Depois do diluvio, dedicou-se Noé á agricultura, e, tendo plantado a vinha, fez vinho com o summo das uvas,

e ignorando a força do licor, embriagou-se. O resultado foi cair nu, e ficar sem accordo.

Foi encontral-o n'esse estado seu filho Cham, escarnecendo-o, por vel-o n'esse estado; e foi participar o facto aos irmãos. Sem e Japheth, que eram justos, reprehenderam o irmão, e cobriram o pae.

Consteu a Noé o indigno procedimento de seu segundo filho, mas não o amaldiçoou, porque Deus o tinha abençoado, mas amaldiçoou seu neto Chanaan, «que havia de ser, a respeito de seus irmãos, escravo dos escravos.»

E a maldição cumpriu-se, porque foi maldita a posteridade de Cham.

Tendo a sua raça povoado a Africa, (que pouco ou nada tem augmentado a sua civilisação), ficou esta sujeita ao imperio das outras nações.

Rectificação

Por lapso da revisão saíram dois erros na noticia da *secção illustrada* do n.º 22 d'esto jornal, com referencia a S. Francisco de Sales. O primeiro é que este santo foi bispo de Genebra, cidade da Suissa, e não de Genova, cidade d'Italia, como ahí se lê. E o segundo é que o mesmo sancto falleceu em 1622 e não em 1662.

Ambos os lapsos ficam por esta forma rectificados.

SECÇÃO NOTICIOSA

Festa ao SS. Coração de Jesus em Braga

Como preanunciamos, no Seminario de Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga effectuou-se a benção e inauguração d'uma grandiosa estatua do SS. Coração de Jesus, na cerca do mesmo Seminario. Essa imagem vê-se da maior parte da cidade, e no dia 8 á noite, rodeada como estava de fachos de luz, distinguia-se d'uma maneira realmente admiravel.

O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Arcebispo deu entrada no Seminario cerca das 4 horas da tarde. Revestindo de capa d'asperges, procedeu á benção da imagem, que antes foi descoberta pelo snr. D. Thomaz de Vilhena, governador civil, que se achava presente, acompanhado do snr. Pereira de Magalhães, commissario de policia.

Em dous grandes estrados encontravam-se varias pessoas de representação, todas as associações de Braga, collegios e Seminarios.

O povo, em grande massa, pois a concorrência foi grandissima, estendia-se pela cerca, nas immediações dos estrados, para assim melhor apreciar o sermão, que se seguiu á benção da

mesma imagem, sermão que foi prégado pelo rev. dr. Abranches, conhecido sobejamente pelo seu talento oratorio. O sermão foi tambem uma prova do seu grande talento. S. rev.^{ma} mostrou as vantagens para os christãos do amor de Deus, do amor do Sagrado Coração de Jesus. Mostrou os erros da impiedade, e que os christãos, amando a Jesus pelo seu Sagrado Coração, usam d'uma arma com que sempre e em todos os tempos podem resistir á guerra dos seus inimigos.

O orador falou do SS. Coração de Jesus com um grande enthusiasmo.

Em seguida ao sermão houve a Laudinha do SS. Coração de Jesus, cantada pelos seminaristas, acompanhada pela musica regimental.

A manifestação feita ao SS. Coração de Jesus foi de um grande vulto. A ella se associaram as auctoridades locais, o clero e os fieis em grandissimo numero. E' caso para felicitar o promotor de tão admiravel testemunho publico em honra do SS. Coração de Jesus, o rev. Mgr. Joaquim Fernandes Lopes, digno e benemerito director e fundador do Seminario de Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga.

Encyclopediã Portuguesa Illustrada

Recebemos o fasciculo 148 d'este excellente dictionario universal publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Contém 423 artigos e 13 figuras e abrange os vocabulos *Diario a Dav.*

Continua a assignar-se este excelente dictionario em todas as livrarias e no escriptorio da empresa Lemos & C.^a, successor, Largo de S. Domingos, 63-1.º. Em Lisboa, são correspondentes os snrs. Belem & C.^a, Rua do Marçal Saldanha, 26.

«Voz de Santo Antonio»

Recebemos e agradecemos o n.º 11 do corrente anno, correspondente ao mez de Novembro, d'esta apreciadissima revista illustrada bracarense. Vem como sempre muito interessante e bem redigida.

Egualmente agradecemos ao nosso presadissimo collega a transcripção que fez da «Carta aberta» que o *Progresso Catholic* enderessou a todos os seus assignantes, e as palavras de congratulação que a mesma transcripção acompanharam. Mil agradecimentos.

A Immaculada Conceição

Festejou-se com o brilho, a pompa e a imponencia dos demais annos o dogma da Immaculada Conceição da Virgem Maria, em quasi todos os templos d'esta cidade.

E como a Senhora da Conceição é a padroeira do reino, em varias associações houve academias religiosas, assim como em muitas casas particulares esteve a Virgem rodeada de flôres e de luzes.

Continuou, pois, a demonstrar o Porto, que é ainda a cidade da Virgem.

A noite houve a costumada academia religiosa no amplo salão da Associação Catholica, a que presidiu S. Ex.^a Rev.^{ma} o Snr. D. Antonio Barroso, venerando prelado d'esta diocese, e que ahi deu entrada ás oito horas da noite.

Secretariaram o illustre prelado o snr. conde de Samodães e visconde de S. João da Pesqueira.

Oraram os snrs. D. Antonio Barroso, abbade de Lustosa e conde de Samodães, tocando no intervallo dos discursos uma orchestra, que foi muito applaudida.

Varias noticias

O snr. José Pereira Salgado foi nomeado, nos termos do Art.^o 2.^o § 2.^o do decreto de 2 de setembro do corrente anno, para o lugar de demonstrador da cadeira de chimica da Academia Polytechnica do Porto.

— Por decreto de 29 de novembro publicado no *Diario do Governo* de 6 d'este mez, foi organizado no corpo de marinheiros da armada, uma secção de marinheiros signaleiros, para o serviço de telegraphia por signaes, a bordo dos navios de guerra.

— Foi concedido o titulo de Dom, ao snr. Diogo d'Almeida d'Azevedo e Vasconcellos, capitão do corpo de estado maior, e a commenda da ordem de S. Thiago ao medico francez, Dr. David Raul Bensaude.

— Está a concurso, durante 40 dias, por provas praticas e documentaes, o lugar de recebedor do conselho de Nordeste.

— O snr. Antonio José Torres de Carvalho foi exonerado do cargo de administrador substituto do concelho d'Elvas, e o snr. José Maria Marques de Almeida Aguiar do cargo de administrador do concelho da Pederneira.

— Por despacho de 23 d'outubro, publicado na folha official de 1 do corrente, foi mandado contar ao escrivão de fazenda de 4.^a classe, snr. Luiz Henriques Horta de Almeida dois annos e oito dias a mais na sua antiguidade, em 31 de dezembro de 1900.

Por portaria do ministerio da guer-

ra de 29 de novembro findo, foi louvado o major do estado maior de cavalaria, snr. Fernando da Costa Maia, lente da 3.^a cadeira da escola do exercito, por ter publicado um livro com o titulo de *Tactica applicada*, e que o conselho de instrucção da referida escola approvou para ser adoptado como texto para as lições da mencionada cadeira. O snr. major Maia é filho do fallecido professor do lyceu central d'esta cidade, Dr. Delfim Maria da Costa Maia, que tanto se popularisou n'esta cidade, por occasião dos acontecimentos da *janeirinha*.

— Está a concurso por espaço de 30 dias, desde 3 de dezembro corrente, o lugar de amanuense da administração do concelho de Boticas, com o ordenado annual de 100\$000 rs. e emolumentos que por lei lhe competirem.

— Foi presente á junta de saude militar, e dado por incapaz de todo o serviço, o snr. Luiz Augusto da Silva, piloto-mór da barra do Porto. O snr. ministro da marinha conformou-se com o parecer da junta, devendo pois ser em breve aposentado o respectivo funcionario, que conta mais de 80 annos de idade.

INDICE DO XXIII VOLUME

	PAG.		PAG.		PAG.
Secção doutrinal		<i>SS. Leão XIII</i> , pelo snr. A. Peixoto do Amaral	50	<i>Vieira-Prégador</i>	103
<i>O congresso e a imprensa catholica</i> , pelo snr. A. Peixoto do Amaral	4	<i>Vieira-Prégador</i> pelo Rev. ^{mo} Conego Coelho da Silva	50	<i>O desacato na Universidade</i> pelo A. Peixoto do Amaral	112
<i>Congresso catholico no Porto</i> , 5, Congresso XX, pelo mesmo	38	<i>A Questão Culmon</i> pelo snr. P. C.	51	<i>Carta do episcopado portuguez a S. M. El-rei</i>	112
<i>O seculo XX</i> , pelo mesmo	19	<i>O «Norte» e os Jesuitas</i> pelo snr. A. Peixoto do Amaral	62	<i>O partido catholico</i> pelo snr. A. Peixoto do Amaral	127
<i>Imitação de Jesus Christo</i> , pelo mesmo	26	<i>Os jesuitas</i> pelo snr. M. Fonseca. <i>Lições do dia</i> pelo Rev. ^{mo} Padre Roberto Maciel	62	<i>Os centros nacionaes</i> pelo mesmo. <i>Seminario de Cabo Verde</i> 136. <i>Um artigo escalpellado</i> pelo snr. A. Peixoto do Amaral	136
<i>Milicia christã</i> (3. ^a parte) pelo Rev. ^{mo} Dr. José Rodrigues Cosgaya, 26 41, 56, 68, 131, 166, 178, 187, 199, 211, 222, 235, 247, 258	283	<i>Vieira-Prégador</i> pelo Rev. ^{mo} Padre Manuel Marinho	65	<i>Mensagem ao snr. Bispo do Porto</i>	148
<i>Vieira-Prégador</i> pelo snr. A. Peixoto do Amaral	40	<i>Malfadada ignorancia</i> pelo snr. A. Peixoto do Amaral	66	<i>Os centros nacionaes</i> pelo snr. A. Peixoto do Amaral	161
<i>Voltarão os frades?</i> por um catholico, 42, 52, 64, 79, 92, 100, 127 138.	161	<i>O direito das Congregações</i>	76	<i>Ainda os centros nacionaes</i> pelo mesmo	174
		<i>Um manifesto . . . á altura</i> pelo snr. A. Peixoto do Amaral	76	<i>Luctas religiosas</i> , pelo mesmo. <i>O movimento religioso</i> , pelo mesmo.	184
		<i>O Decreto das Congregações</i> , pelo mesmo	91		196
			100		208